

29 MAR 1984

CISCO MESQUITA

JORNAL DA TARDE

A reunião do BID e a questão da dívida externa

Deixemos de lado as tecnicidades que vieram a público, durante a reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Punta del Este, sobre que propostas apresentar à comunidade financeira internacional para resolver ou amenizar o problema da dívida externa dos países latino-americanos, isto é, o problema que o peso do serviço dessa dívida representa para suas economias.

De resto, mesmo os maiores especialistas em finanças não têm condições de avaliar com precisão, num primeiro momento, a viabilidade de qualquer proposta técnica. As dezenas de fórmulas que estão sendo oferecidas quase que todos os dias para permitir que os pagamentos continuem a ser honrados, mas com seu peso diluído, padecem, aliás, da inconveniência de demandarem muito tempo para serem devidamente analisadas pelas partes contratantes em todos os seus aspectos técnicos, que dirá para serem implementadas administrativamente. Têm tido, não obstante, a utilidade óbvia de chamar a atenção para o problema e forçar seu exame sob os mais diversos ângulos.

Mas, como todos sabemos desde o início, esse é um problema que não terá jamais solução estritamente técnica. O melhor que podemos desejar nesse terreno é que, depois de se chegar, pacificamente, se possível, a uma decisão política global de resolvê-lo de maneira equânime para as partes envolvidas, os meios técnicos então escolhidos sejam os mais eficazes e práticos.

Sob esse ângulo que mais nos interessa, que é a evolução ou involução das condições políticas para uma real solução, a reunião do BID já apresentou progressos, a nosso ver. Em primeiro lugar, o simples fato de estarem reunidos no mesmo lugar os representantes financeiros de países devedores, e só os de uma determinada região do mundo, a América Latina, nos deu oportunidade de sentir melhor o clima e as disposições do grupo. Em outros fóruns a mistura de devedores de porte diverso e regiões diferentes dificulta essa percepção.

Acresce que, pela primeira vez, se não nos enganamos, a questão da dívida é colocada como tema central das discussões e o objetivo de procurar uma saída claramente revelado. Em outras ocasiões, mesmo na América Latina, procurava-se encobrir o tema, seja por motivos diplomáticos — para poder convidar países que não queriam discutir o tema — seja por motivos táticos, para não assustar os credores e seus governos.

Uma das coisas que os observadores devem ter percebido, e que esperamos os próprios credores tenham percebido claramente, é que há na América Latina, nitidamente, duas posições em relação ao assunto. Os participantes dos dois grupos concordam em que o atual esquema de negociações não constitui uma saída e precisa ser revisto para se tornar aceitável e tolerável tanto para credores quanto para devedores. A forma de se chegar a um novo esquema, isto é, de abrir negociações de novo tipo, com vistas a soluções mais construtivas que as tradicionais, é que é vista de maneira diferente conforme o governo faça parte de um ou de outro grupo.

Pareceu-nos, assim, que, entre os maiores devedores, Brasil, México, Venezuela e talvez Chile, mas principalmente os dois primeiros, se inclinam por um método de buscar exaustivamente novas negociações, mas sem confrontações e sem romper com o esquema atual. A Argentina, entre os grandes devedores, nos pareceu um tanto ambígua e num jogo indefinido, dizendo que quer negociar em novos termos, mas ao mesmo tempo ameaçando romper com os credores e dizendo coisas do tipo “os problemas de contabilidade dos bancos não são de nossa responsabilidade”. Ela está, portanto, no meio do caminho entre os que querem negociações responsáveis e os que desejam rompimentos irresponsáveis, e o próximo dia 31 pode ser decisivo para ela, mesmo alegando que o problema de os bancos terem de inscrever como *non performing* os seus débitos não lhe diz respeito. Pois sua atitude modelará um padrão de comportamento.

Independentemente, porém, desse fato específico e do desfecho que possa ter, e independentemente também do fato de que não se chegou a nenhum esboço de ação comum — o que, aliás, nem era previsível —, é impossível não notar certa convergência, uma confluência, não para formação de grupos, mas em direção a objetivos comuns por vias paralelas.

A atitude do governo americano não nos pareceu muito inteligente na medida em que se limitou a uma postura defensiva, de evitar iniciativas inovadoras, sem, todavia, sugerir ele próprio um caminho mais saudável que o atual. Desse modo deu duas impressões negativas: a primeira, a de que não tem idéias, não tem propostas positivas a fazer, o que certamente não é verdade; a segunda, a de que simplesmente avaliza a posição dos seus bancos privados, para os quais quem deve pagar, seja qual for o sacrifício, quando todos sabemos que isso não é realista, pois a disposição de pagar varia em proporção inversa ao sacrifício. Essa atitude, natural entre banqueiros, não pode nem deve ser a de um governo que tem outros e mais dilatados interesses além dos especificamente financeiros.

Aliás, o presidente do México, Miguel de La Madrid, que se encontra entre nós, e que nos tem parecido uma liderança extremamente equilibrada, no plano latino-americano, nessa questão, diz muito bem que “a América Latina é a classe média mundial”. Isso tem vários e importantes significados e implicações. O mais óbvio deles é que, a exemplo das classes médias no interior das nações, a América Latina é importante fator de equilíbrio e estabilidade política nas relações internacionais. Outro é que, se os credores compreendessem a essência desse fato, compreenderiam também a fundamental importância de se associarem a esta classe média, e de não destruí-la ou tripudiar sobre ela. Um terceiro é que, se os próprios membros dessa classe descobrissem todas as dimensões da situação, tratariam muito mais de buscar unidade e cooperação internas do que de envolver-se em confusos movimentos libertários e emancipatórios em exóticas regiões do globo.

Enfim, não cremos que a reunião do BID tenha sido improdutiva. Ela marcou o início de uma correção do rumo errado seguido até agora.